

BRYCE,  
NESTA  
e  
AZRIEL

SARAH J. MAAS

CONTO EXTRA

CIDADE

DA LUA

CRESCENTE

CASA de CHAMA e SOMBRA

LIVRO 3

Tradução de Carla M. Soares

 MARCADOR

Ping. Ping-ping-ping. Ping.

De olhos fechados, com a cabeça encostada à pedra irregular e húmida da parede da caverna, Bryce ouvia a pedra e a água a conversarem.

Ping-ping. Plinc. Ping-ping-plinc.

Era mais conversa do que tanto Nesta como Azriel tinham feito nas duas horas desde que tinham parado para descansar. Tecnicamente, era suposto Bryce estar a dormir. Mas, sem dia e noite para ditar os ritmos do seu corpo, limitava-se a ficar sentada num semiestupor, nem exatamente acordada, nem exatamente a dormir.

Ping-plinc-plinc. Ping.

Bryce entreabriu um olho e estudou os dois companheiros. Nesta encontrava-se sentada contra a parede à sua frente, de cabeça caída, a respirar superficialmente.

Mas Azriel estava a olhar para si. Sobressaltou-se e bateu com a cabeça contra a parede. Uma dor lancinante turvou-lhe a visão. Quando clareou, Nesta estava acordada.

— O que foi? — Nesta olhou para um dos lados do túnel, depois para o outro. Uma escuridão húmida preenchia ambas as direções, interrompida apenas pelo brilho aquoso e prateado da estrela de Bryce, através da *T-shirt*. Um irradiar regular, que não tinha aumentado nem diminuído. Como se dissesse: «Vais no bom caminho. Continua.»

Bryce esfregou a nuca dorida e sentou-se.

— Oh, nada. Só o vulgar guerreiro predador da noite, a olhar para mim enquanto durmo.

— Não estavas a dormir — disse Azriel, com um ligeiro divertimento na voz.

— Como é que sabes? — contrapôs Bryce, mas os seus lábios curvaram-se num sorriso.

Nesta bocejou, estendendo os braços sobre a cabeça e rodando o pescoço para um lado e para o outro.

— É a função dele, estar vigilante. — Baixou os braços, franzindo ligeiramente o sobrolho a Azriel. — Estavas mesmo a vê-la a dormir?

Ele fuzilou-a com o olhar.

— Quando dizes isso assim, soa... desagradável.

— É sinistro — resmungou Bryce.

— Tu és uma estranha para nós — fez Nesta notar. — Seríamos parvos se tirássemos os olhos de ti por um segundo. Mesmo a dormir.

Bryce cruzou as pernas, suspirando.

— Bem, vamos deixar de ser estranhos — sugeriu. Uma tática de sobrevivência que Randall lhe tinha ensinado: fazer-se estimar por qualquer captor. Fazê-los verem o seu coração e alma, para que talvez considerassem *não* a matar.

Porque, embora tivessem saído daquela cela de interrogatório, embora Nesta lhe tivesse devolvido o telefone, Bryce tinha poucas dúvidas de que a opção de a matar ainda estava sobre a mesa.

— O que é que queres saber? — perguntou Nesta cautelosamente.

Bryce olhou de um para o outro.

— Como é que se conheceram?

Ela podia jurar que Azriel tinha ficado tenso, como se estivesse a analisar quão perigosa podia ser cada resposta, a avaliar por que razão Bryce queria saber.

— Houve uma guerra — disse Nesta de forma breve.

— Entre quem? — perguntou Bryce.

Novamente, aquele silêncio avaliador. Desta vez, foi Azriel quem respondeu.

— Entre um rei feérico maléfico e nós.

— Vocês os dois ou, tipo... toda a gente?

Nesta lançou-lhe um olhar de desdém.

— Claro, o rei de Hybern declarou guerra só a mim e ao Azriel.

Bryce encolheu os ombros.

— Não me surpreenderia, com os feéricos. Filhos da mãe mesquinhos e tal.

Azriel riu-se baixinho, mas disse:

— Quis conquistar as nossas terras, e o mundo em geral. Não tínhamos qualquer intenção de permitir.

Nesta acrescentou sombriamente:

— Sobretudo depois de ele nos ter transformado, à minha irmã e a mim, de humanas em Fadas Supremas. — Palavras ferozes, mas assombradas.

— Imagino que o vosso lado tenha ganhado? — Bryce arqueou uma sobrancelha.

— Derrotámos Hybern — confirmou Azriel. Um olhar para o Revelador da Verdade, ao seu lado. Depois para Nesta. — A Nesta decapitou o rei de Hybern ela própria.

Bryce pestanejou.

— Durona — soprou.

Uma satisfação selvagem brilhou no olhar de Nesta.

— Ele mereceu. — Ela estudou Bryce. — Pelo que disseste, o teu mundo está constantemente em guerra. Há... rebeldes?

— Sim. — Bryce brincou com a bainha da *T-shirt*. — Lutam contra os asteri há muito tempo. O meu parceiro, o Hunt, lutou noutra rebelião há séculos... uma que fracassou. A humana começou um século depois. E os asteri ficaram tão furiosos com ela que criaram o serviço militar obrigatório para os humanos.

— O que é isso? — perguntou Azriel.

Bryce franziu o sobrolho.

— Todos os humanos são membros da classe *peregrini*, por oposição à dos vanir, que são cidadãos de direito: *civitas*. E todos os *peregrini* são obrigados a servir o exército imperial durante três anos. Os asteri mandam-nos diretamente para a luta com os rebeldes, na frente. Fazem-nos chacinar os seus. Matar as pessoas que lutam pela liberdade deles.

— Tu tiveste de servir? — perguntou Nesta, olhando para Bryce.

— Não — disse Bryce, com a voz pastosa. — A minha mãe conseguiu um acordo com o meu pai biológico, que é feérico. Ele fez com que me fosse atribuído o estatuto completo de *civitas* e ficasse isenta do recrutamento. Em geral, ele é um desperdício de bom ar, mas a minha mãe estava disposta a arriscar entrar em contacto com ele, a deixá-lo entrar nas nossas vidas outra vez, por mim. Para evitar que eu fosse parar à frente. — Nunca deixaria de estar grata à mãe por isso.

— Mas assumo que a tua mãe, como humana, teve de servir — disse Nesta, a expressão cheia de pena.

— Não — disse Bryce. — Para preservar as mentes humanas mais brilhantes, os asteri oferecem um teste para escapar ao recrutamento. Ficas classificado entre os melhores, e és considerado tão valioso que não tens de servir. A minha mãe fez o teste aos dezasseis anos, teve notas máximas e foi-lhe permitido não entrar ao serviço. O meu pai... quero dizer, o meu padrasto falhou a seleção por um ponto. Mandaram-no para a frente duas semanas depois. Não, hum... não foi fácil para ele.

Randall tinha lutado durante muito tempo com o peso dos seus anos enquanto francoatirador. Ainda fazia terapia duas vezes por semana por causa disso; por vezes ainda se perdia nos horrores que tinha suportado e infligido aos outros.

Deuses, Bryce esperava que ele estivesse seguro. Esperava que fosse capaz de tirar o pé à capacidade de matar pela qual pagara tão caro, para manter a mãe e Cooper seguros.

— Então, a tua mãe deve ser bastante inteligente — disse Nesta. — E resiliente.

— Sim — disse Bryce, com o peito a doer. — É uma chata, mas devo-lhe muito do que sou. A tua mãe também deve estar orgulhosa da tua... dureza.

As costas de Nesta endireitaram-se.

— A minha mãe daria voltas na sepultura se soubesse que sou guerreira. Se soubesse que uso calças todos os dias e que o meu parceiro é um macho feérico. Nem sei o que lhe causaria mais horror: casar-me com um humano pobre ou tornar-me o que sou hoje.

Bryce fez uma careta.

— Parece uma verdadeira pérola. Sem ofensa.

A boca de Nesta contorceu-se num sorriso sarcástico.

— Não fico ofendida.

Bryce inclinou o queixo na direção de Azriel.

— Tens o ar sombrio de quem também tem uma mãe horrível. Queres falar sobre isso?

Nesta fungou.

— O Az nunca fala da mãe, nem aos nossos amigos, por isso imagino que ainda seja pior.

O illyriano rosnou suavemente:

— A minha mãe não é nada horrível.

Nesta retesou-se, como se estivesse surpreendida por ter obtido uma resposta daquelas da parte dele.

— Estava a brincar, Az, nem sequer conheço...

— Não quero discutir isto — cortou ele friamente.

Bryce reparou no brilho ferido no olhar de Nesta. Numa tentativa de salvar a conversa, disse:

— Bem, se serve de consolo, a minha melhor amiga, a Danika, também tinha uma mãe de merda.

— Não tenho esse monopólio — disse Nesta sem expressão, ainda a controlar-se depois da explosão de Azriel.

Bryce ofereceu-lhe um sorriso.

— A Danika dizia que fortalece o carácter. — E, perante a expressão resguardada de Nesta, deu por si a dizer: — Acho que tinha razão, de certa forma. Acho que a crueldade da mãe fez dela uma pessoa mais generosa, mais atenciosa. Ela via como a Sabine tratava os outros, e isso repugnava-lhe tanto que queria tornar-se o oposto. A Danika vivia no pavor de se transformar na mãe.

Nesta não disse nada, mas... estava lá. Um aceno breve de cabeça. Como se compreendesse. Como se vivesse todos os dias com esse receio.

A água pingou outra vez no silêncio pesado.

— Portanto, esse teu... *telefone* — disse Nesta de repente, como se estivesse ansiosa por mudar de assunto, para bem de todos eles. — Há bocado disseste que tem música lá dentro?

Bryce tirou o telefone do bolso de trás, o brilho agressivo contra a suavidade da sua luz estelar.

— Sim. Tenho o meu arquivo musical todo aqui.

O relógio do telefone mostrava 03:56. Ficou com a cabeça à roda. Que horas seriam ali? Ou em casa? Que dia seria ali... ou lá? Há quanto tempo é que Hunt e Ruhn estavam...

Afastou os pensamentos.

— Posso ouvir... a tua música? — A pergunta de Nesta era hesitante, como se fazer um pedido tão pessoal a deixasse desconfortável.

Bryce dirigiu-lhe um meio-sorriso.

— Claro. De que tipo de música gostas?

Perante o seu silêncio confuso, Bryce insistiu:

— Clássica, de dança, *jazz*... Bem, estas palavras obviamente não significam nada para vocês.

— Põe a música que representa melhor o teu mundo — disse Nesta.

— Acho que Midgard começaria outra guerra a tentar decidir isso — disse Bryce. — Mas pelo menos ponho-vos a minha favorita.

Fez uma careta à bateria, que diminuía, ciente de que passar música ia esgotá-la, mas a ânsia por um gostinho de casa ultrapassou a sua apreensão.

Bryce percorreu a sua lista de canções até chegar ao dueto *folk* que lhe tinha ocorrido de imediato: Josie e Laurel. A mão tremia-lhe um pouco com a magnitude de escolher qual das suas muitas canções havia de passar, qual das suas canções devia ser a *primeira* a ser ouvida naquele planeta. As suas favoritas estavam sempre a mudar conforme a sua disposição, a fase atual da sua vida. No fim, seguiu o instinto.

«Stone Mother» começou a tocar, a sua bateria rolante e ruidosa a contrabalançar as guitarras selvagens, mas melodiosas. E então a voz de Josie encheu o túnel, acentuada pela voz secundária doce e clara de Laurel. O som era estrangeiro, telúrico, inquietante. Em poucas notas, Bryce estava de regresso ao seu quarto de infância em Nidaros, estendida no tapete, a deixar o som da música percorrê-la pela primeira vez.

Depois, estava nas colinas secas de Valbara, rodeada de oliveiras. Depois, no cais flanqueado de palmeiras ao longo do Istros. Depois, com Danika. Depois, sozinha.

Depois, com Hunt.

Aquela canção tinha-a acompanhado através de tudo, pelos anos de dor e vazio e reconstrução. Tinha-a acompanhado da luz para a escuridão e de regresso à luz.

A harmonia espectral ecoou nas pedras, até parecer que a rocha cantava.

E quando acabou, regressou o silêncio. Nesta tinha os olhos arregalados.

— Foi lindo — acabou por dizer. — Não percebi uma palavra, mas *sentí-a*.

Bryce assentiu, com dolorosas saudades de casa, dos rostos que a canção tinha feito recordar.

— É um tipo de canção meio *country* e *folk*. Mas isto é aquilo a que chamamos música clássica, o que é tocado nos grandes salões. A minha amiga Juniper dança esta música no Balé da Cidade da Lua Crescente. Eu também costumava dançar... É uma longa história. Esta era uma das minhas danças favoritas. É de um balé chamado *O Caixão de Vidro*. — Bryce voltou a carregar no botão para tocar, e os violinos começaram.

Mais uma vez, Nesta ficou em silêncio, os joelhos agora apertados contra o peito, a fitar a escuridão. Como se dedicasse todos os seus centímetros a escutar.

— Isto soa como alguma da nossa música — murmurou Azriel. Nesta mandou-o calar.

Bryce bateu com o pé ao ritmo da melodia, lendo as expressões que passavam pelo rosto de Nesta enquanto a música tocava. Espanto, curiosidade, alegria e... nostalgia. Nesta parecia vibrar com a música, embora não se movesse de todo. Como se ganhasse vida só de ouvir o som.

Quando a peça terminou, o seu final estrondoso a retumbar pela caverna, Nesta fixou o olhar no de Bryce e disse:

— Também gosto de dançar. — Era um pequeno pedaço de si própria, mas oferecido de boa vontade. Bryce sentiu o coração a aquecer em relação à guerreira, só um bocadinho.

— Sim?

Mas Nesta apontou para o telefone novamente.

— Põe mais a tocar, por favor.

Por isso, Bryce pôs.

Duas horas mais tarde, estavam outra vez a caminho. Se Azriel tivesse tido interesse suficiente pela música, talvez os tivesse deixado ficarem mais algum tempo. Bryce tinha posto a tocar uma amostra de todos os géneros de que se conseguira lembrar. Nesta pusera as mãos nos ouvidos com os gritos e lamentos do *death metal*, mas Azriel tinha-se rido.

Provavelmente ter-se-ia dado bem com Ruhn e os seus amigos idiotas.

Nesta gostara mais das coisas clássicas, e ambos tinham ficado intrigados com a batida pulsante da música de discoteca.

— É *isso* que vocês dançam no teu mundo? — perguntara Nesta. Bryce não tinha percebido se ela estava intrigada ou consternada. Azriel, pelo menos, parecia alinhar.

Mas agora estavam outra vez silenciosos, a passar por gravura após gravura. Tinham de estar perto de... o que quer que os esperasse no final do túnel.

Mas e se andassem e andassem e não encontrassem nada? Em que momento é que decidiriam desistir? A estrela de Bryce ainda brilhava, apontando para a

frente, mas e se não estivesse a interpretá-la de forma correta? Talvez os seus instintos estivessem errados.

Talvez ela não tivesse sido realmente enviada ali por Urd. Talvez fosse apenas uma valente trapalhada cósmica.

Um acidente monumental.

A garganta de Bryce contraiu-se. Tinha tentado não pensar no que estava a acontecer a Hunt e Ruhn, mas, na penumbra constante dos túneis, o medo voltou a insinuar-se. Estariam seguros? Estariam vivos, sequer?

— A música do teu mundo — disse Nesta de súbito, interrompendo a espiral de desgraça de Bryce. — Está disponível para toda a gente, só assim?

— De certa forma. Há uma espécie de... biblioteca não-física, construída por máquinas, que consegue armazenar toda a informação do mundo. Música, arte, livros, tudo. Por isso, sim, é possível encontrar qualquer canção, qualquer música e ouvi-la onde quisermos.

— Tens maravilhas no teu mundo — disse Nesta.

Azriel acrescentou, uns passos atrás:

— E horrores.

Bryce grunhiu a sua concordância.

— Vocês também têm, de certeza.

— Temos — disse Azriel baixinho.

Bryce preencheu os espaços do que ele não revelava.

— Mas nunca viram coisas como armamento ou bombas, certo? — Assumira que não, porque tinham parecido muito chocados quando ela lhes mostrara as suas recordações no orbe *Veritas*.

— Os asteri inventaram esse armamento? — perguntou Azriel sombriamente.

— Não. Foi outro tarado qualquer — resmungou Bryce. — Mas agora está por todo o lado.

— Devia ser todo destruído.

— Sim. Não traz nada de bom ao mundo. — Bryce inclinou a cabeça para o lado. — Portanto, vocês têm espadas e assim?

— Qualquer coisa assim — esquivou-se Azriel. Claramente, não ia esclarecê-la acerca das suas defesas.

— E a vossa magia é...

— Não abuses — disse ele, um vestígio da frieza inicial a entrar na sua voz.

Os lábios de Nesta estreitaram-se com o seu tom, como se estivesse também a recordar-se. Como se não lhe caísse bem.

— Pronto, pronto — disse Bryce. — Mas seria fixe saber *alguma coisa* sobre o vosso mundo. Ou sobre vocês.

Ficaram ambos em silêncio.

Bryce perguntou a Nesta:

— Tens um parceiro, certo? — Acenou com a cabeça para Azriel. — Tu tens?

— Não — disse Azriel rapidamente, sem expressão.

— Uma companheira ou esposa?

— Não.

Bryce suspirou.

— Certo, está bem.

As asas de Azriel agitaram-se.

— És impossivelmente metediça.

— Acho que foi a coisa mais simpática que já me disseste. — Bryce piscou-lhe o olho. — Olhem, eu só... Estou curiosa. Vocês não?

Azriel não respondeu, mas Nesta disse:

— Sim. Estamos.

Bryce passou uma mão sobre uma das gravuras: uma jovem sentada numa banqueta, um cão de caça estendido no chão ao seu lado.

— Para mim, é uma loucura que em quinze mil anos tenhamos desenvolvido todo o tipo de tecnologia e o vosso mundo ainda seja... assim. — Apontou para as roupas, a caverna. Perante o olhar semicerrado de Nesta, Bryce acrescentou rapidamente: — Estou só a perguntar-me por que razão não aconteceram mudanças semelhantes aqui. Quer dizer, nós temos os asteri, mas muitas das nossas invenções não vieram deles.

— Talvez tenha sido o resultado da mistura de tantos mundos em Midgard — refletiu Nesta. — Cada um levou todo o seu conhecimento. Juntos, conseguiram. Separados, talvez não fossem capazes.

— Talvez. Mas também temos a primaluz, uma fonte comunal de poder. Não têm isso aqui. Só têm poder individual. — Mas era verdade que o poder comunal de Midgard existia graças aos asteri. Isso seria bom ou mau? Bryce não fazia ideia de como começar a descortinar essa questão. Os seus sentimentos acerca do assunto eram um nó confuso de gratidão e raiva.

Nesta perguntou:

— Achas que, sem a primaluz, o teu mundo se teria tornado como o nosso?

Bryce pensou nisso.

— Não vejo outra forma de dar energia aos nossos carros ou telefones, por isso... provavelmente.

Azriel perguntou:

— As armas precisam de primaluz?

— Não — disse Bryce. — E algumas das bombas também não. — O peso da escuridão constringia-a. — Esses males vão permanecer para sempre em Midgard, mesmo sem primaluz.

— E as pessoas ainda se matariam umas às outras, mesmo sem essas armas — disse Nesta com gravidade. — Os perversos vão encontrar sempre uma forma de magoar e fazer mal.

— Esta é a parte em que vocês me lembram de que vão sempre encontrar uma forma de *me* magoar e fazer mal se eu não andar na linha?

— Sim — disse Azriel suavemente. — Mas também é a parte em que te digo que somos os que habitualmente tentam encontrar uma maneira de travar essas pessoas perversas.

— Isso não é um bocadinho revelador? — brincou Bryce. — É suposto manterem a imagem de filhos da mãe mauzões. Agora dizes-me que são uns bonzinhos que combatem o crime.

— Podemos fazer o bem — avisou Azriel — e continuar a ser maus.

Bryce assobiou.

— Conheço uma série de machos no meu mundo que só podem *sonhar* em dizer uma coisa dessas com tanta pinta.

Nesta riu-se.

— Também conheço uns quantos.

Azriel lançou a Nesta um olhar incrédulo. Mas Nesta sorria para Bryce.

Bryce devolveu o sorriso.

— Egos masculinos: uma constante universal.

Nesta riu-se outra vez.

— Se não fosses nossa prisioneira — disse ela, sacudindo a cabeça —, creio que gostaria de te considerar minha amiga, Bryce Quinlan.

Bryce não percebeu por que razão as palavras atingiram algo profundo dentro de si.

— Sim — respondeu, em voz rouca. — Também eu.

Caminharam outra vez em silêncio, mas este já não era tenso. Havia nele algo... mais leve. Mesmo que fosse apenas momentâneo. Como se eles não fossem seus captores, mas seus companheiros.

Pronto. Pelo menos naquele mundo, os feéricos não eram assim tão maus. Claramente, também tinham a sua parcela de filhos da mãe feéricos por ali, mas Nesta... Bryce não desgostava dela.

Era desconfortável, na verdade. Bryce sempre se orgulhara de sentir ressentimento contra todo e qualquer feérico, com o irmão e os parvos dos amigos como raras exceções, mas aqueles dois estranhos, e o que ela tinha conseguido inferir sobre as pessoas à sua volta...

Pareciam pessoas decentes, de bom coração, que se amavam umas às outras.

Nem sequer tinha a certeza de que os feéricos de Midgard soubessem o que significava a palavra «amor». A definição do Rei Outonal tinha deixado uma pequena cicatriz no rosto da mãe.

Mas aqueles feéricos eram diferentes.

Isso importava? Os feéricos de Midgard não eram problema seu, e não queria que fossem, mas e se pudessem ser mais? Uma mudança dessas seria possível?

— Gostas? — perguntou Bryce a Nesta, de repente. — De ser feérica?

— De início, não gostava — disse Nesta com franqueza. — Mas agora gosto.

Azriel parecia ouvir com atenção.

Nesta prosseguiu:

— Estou mais forte, mais rápida. Mais difícil de matar. Não vejo desvantagens nisso.

— E a longevidade de quase-imortal também não é assim tão má, hã? — brincou Bryce.

— Ainda estou a ajustar-me a essa ideia — disse Nesta, os olhos no túnel mais adiante. — Tempo assim é tão... vasto. O dia a dia *versus* a duração dos séculos. — Voltou a atenção para Azriel. — *Como* é que tu consegues?

Ele esteve calado por um instante, antes de dizer:

— Encontra pessoas que ames, elas fazem o tempo passar mais depressa. — Cruzou o olhar com o de Nesta e disse, num tom mais apologético: — Sobre-tudo se te perdoarem por seres ocasionalmente bruto por coisas que não são culpa delas.

Algo pareceu suavizar-se no olhar de Nesta, talvez alívio perante o ramo de oliveira que ele estendia. Disse, hesitante:

— Não há nada a perdoar, Az.

Mas as palavras dele tinham aliviado alguma da tensão remanescente. E as seguintes, enquanto ele piscava o olho a Nesta, acabaram o trabalho:

— E ouvi dizer que ter filhos também faz o tempo voar.

Nesta revirou os olhos, mas Bryce não perdeu a forma como brilhavam. Nesta estava disposta a brincar, para regressarem à sua dinâmica normal. Admitiu:

— Não iria fazer qualquer ideia de como criar uma criança. — Apontou para si própria. — Criada por uma mãe terrível, lembras-te?

— Não significa que também vás ser assim — disse Azriel gentilmente.

Nesta manteve-se em silêncio por um instante, depois reconheceu:

— A minha mãe era ainda pior para a Feyre, e a minha irmã acabou por se tornar... — procurou a palavra — uma mãe perfeita.

— Não há mães perfeitas — interrompeu Bryce. — Só para saberes.

— A tua mãe soa bastante perfeita — disse Nesta secamente.

— Deuses, não — disse Bryce, a rir-se. — Mas ela seria a primeira a dizê-lo. «Perfeito» é um ideal injusto para impor a uma pessoa. Na verdade, foi a minha mãe que me ensinou isso.

Bryce engoliu em seco, pensando em Ember. Os asteri tê-la-iam perseguido e matado? Se Bryce alguma vez regressasse... a mãe estaria lá?

Nesta pousou uma mão no ombro de Bryce, o que lhe pareceu, de algum modo, uma forma de consolo. Como se presentisse tudo o que passava pela cabeça de Bryce, o pânico que agora lhe martelava no coração.

— O que foi? — perguntou Bryce, olhando de relance para a fêmea.

Nesta acenou com a cabeça para o bolso de Bryce.

— Podemos ouvir mais da tua música?

Era uma proposta de amiga, sem dúvida destinada a arrancar Bryce à sua nostalgia. Uma gentileza de uma fêmea que claramente não estava habituada àquelas demonstrações. Bryce tirou outra vez o telefone.

A bateria estava quase no vermelho. Em breve, estaria morta. Mas para aquilo... podia gastá-la.

— O que querem ouvir? — perguntou Bryce, abrindo os seus arquivos de música.

Nesta e Azriel trocaram olhares, e o macho respondeu, de forma um tanto embaraçada:

— A música que tocam nas vossas casas de diversão.

Bryce riu-se.

— És doido por discotecas, Azriel?

Ele fuzilou-a com o olhar, o que lhe valeu um sorriso malicioso, mas Bryce pôs a tocar uma das suas músicas de dança favoritas, uma mistura ligeira de baixo e saxofone. E, enquanto os três caminhavam na escuridão infinita, podia jurar que tinha visto Azriel a abanar a cabeça ao ritmo da música.

Escondeu o sorriso e pôs a tocar uma canção após outra, até a bateria do seu telefone se esgotar. Até aquela última maravilhosa ligação com Midgard ficar silenciosa e escura.

Não havia mais música. Não havia mais fotos de Hunt.

Porém, a música pareceu perdurar, como um eco fantasmagórico, através das cavernas.

E, a cada quilómetro que avançavam, podia ouvir Azriel a trautear baixinho para si próprio. A melodia selvagem e ondulante de «Stone Mother» fluía dos seus lábios, e ela poderia jurar que até as sombras dançavam com o som.